

## Não naquela noite

Apesar do forte anestésico ministrado pelo treinador, o corte no supercílio insistia em arder intensamente. Misturado ao suor, o sangue quente e grosso escorria do ferimento num fluxo constante, encharcando-lhe o rosto e dificultando sua visão.

Seu adversário, tão experiente nos ringues quanto ele, conhecia aquela dor e direcionava quase todos os golpes para o ponto acima do seu olho esquerdo. Às vezes, ele permitia que alguns desses golpes o acertassem. Nesses momentos, seu treinador o xingava aos gritos, mas, indiferente, tudo que ele externava era um sorriso misto de zombaria e desafio.

Mais do que zombar e desafiar o homem que o golpeava, ele desafiava a todos que os assistiam. Com o passar do tempo ele compreendeu o real significado daquilo: o que todos realmente desejavam era alguém que morresse aos poucos por eles. Então, noite após noite, ele zombava de todos desafiando a morte, batendo cada vez mais forte, sendo golpeado cada vez mais forte. Era um espetáculo de sangue e entrega. Noite após noite, a platéia urrava de satisfação a cada *jab*, cruzado, a cada golpe recebido e deferido, a cada jorro de sangue naquele ringue sujo.

Até que, no terceiro *round*, um cruzado certo de seu adversário o levou ao chão. A turba de expectadores urrou ferozmente quando sua cabeça acertou a lona, aumentando a balbúrdia quando o juiz iniciou a contagem.

O impacto levou-o a um mundo de escuridão e silêncio, sendo interrompido por um pequeno ponto de luz que, rapidamente, tornou tudo branco. Então, numa rápida sucessão de imagens, um filme com toda sua vida desfilou à sua frente. A infância pobre e difícil, a morte do irmão recém nascido, a vida nas ruas, a descoberta do boxe e o sentimento de que havia encontrado, finalmente, seu lugar no mundo.

Embora não compreendesse a sensação, começou a sentir que algo o puxava, sentia desprender-se do seu corpo, abatido sobre a lona como uma presa que não havia conseguido fugir de seu predador. Então, viu a si mesmo imóvel no chão; seu adversário sentado no *corner*, respirando de forma cansada; seu treinador gritando, tentando acordá-lo, e toda a euforia da platéia diante de seus aparentes últimos momentos.

De algum modo, sentiu que era hora de partir, de deixar tudo aquilo para trás. Mas, a revolta ao presenciar aquela euforia indignou-o, lhe inflamando o espírito e fornecendo a força necessária para lutar contra aquele chamado.

“Não!” a voz ecoou pela imensidão daquele lugar, ao mesmo tempo vazio, mas repleto de imagens e sensações.

Então veio a escuridão, e, em seguida, a dor.

Quando abriu os olhos já estava de pé. Sentiu os olhares desapontados em sua direção, os gritos contidos, assim como o número nove, preso aos lábios do juiz. Bateu com um punho no outro, retornando em seguida as mãos para a posição de guarda.

Voltou os olhos para a platéia e riu de forma zombeteira e desafiadora.

Não morreria por ninguém, não naquela noite.